



APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO NA FORMAÇÃO DOCENTE PARA EDUCAÇÃO DE IDOSOS

GONÇALVES, Edyane Maria de Souza
*Mestranda do Programa de Mestrado em
Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais,
Universidade de Taubaté
edyanesouza.mdh@gmail.com*

LEÃO, Marluce Auxiliadora Borges Glauz
*Docente do Curso de Psicologia e do Programa de Mestrado em
Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais,
Universidade de Taubaté
marluce@unitau.br*

595

RESUMO

Considerando que ensinar não é somente transferência de conhecimento, e que ensinar e aprender constitui um esforço para melhorar o ensino, este estudo analisa como a aprendizagem e o desenvolvimento na formação docente vem ocorrendo mediante o contexto contemporâneo de educação de idosos. Trata-se de um estudo de caso como um tipo de pesquisa qualitativa, realizado em um programa de extensão universitária no eixo da gerontologia educacional, em uma instituição de Ensino Superior do interior do Vale do Paraíba Paulista, sendo a amostra composta por seis docentes. Utilizou-se o grupo focal como meio de entrevista e um questionário para conhecer as características pessoais do grupo. Os resultados indicam que aprender e se desenvolver faz parte de um processo contínuo da formação docente. Que ao se trabalhar com adultos maduros e idosos observam autodesenvolvimento, estimula cada um a ser responsável por sua aprendizagem ficando aberto à experiências e agregando para si um processo de mudança à medida que envelhecemos.

Palavras-chave: Aprendizagem. Formação Docente. Educação de Idosos

ABSTRACT

Whereas teaching is not only knowledge transfer, and that teaching and learning is an effort to improve education, this study examines how learning and development in teacher education is occurring through the contemporary context of education elderly. This is a case study as a type of qualitative research conducted in a university extension program on the shaft of educational gerontology in an institution of higher education in the inland of Vale do Paraíba Paulista, in a sample of six teachers. We used the focus group as through interviews and a questionnaire to know the personal characteristics of the group. The results indicate that learning and developing is part of a continuous process of teacher education. That when working with mature adults and seniors encourages each to be responsible for their learning being open to their experiences and adding themselves to a process of change as we age.

Key-words: Learning. Teacher Training. Senior Education



1 introdução

Ensinar e aprender são processos concomitantes e indissociáveis, pois ao executar um, se está realizando o outro. Quem ensina tem de gostar de pessoas, enquanto modelo, deve também ser exigente consigo mesmo e para quem ensina. Deve manter um clima que seja desafiante e motivador, incentivando o aprendizado para aqueles que ensinam em relação a aprendizagem no espaço da escola. O encontro entre a teoria e a prática, onde um é o sujeito e o outro objeto, é reforçado pelo docente como forma de aproximação do conhecimento, professor e aluno são sujeitos da construção de seus saberes. A respeito disso Paulo Freire (1996, p. 59) afirma

Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado. A diferença entre o inacabado que se sabe como tal e o inacabado que histórica e socialmente alcançou a possibilidade de saber-se inacabado.

Como elemento estratégico, a aprendizagem é importante no processo de desenvolvimento humano. No caso de adultos, não se trata de uma aprendizagem simples, mas uma aprendizagem social e significativa.

Jacques Delors (1998), em seu livro Educação: um Tesouro a Descobrir, aborda quatro pilares sobre educação neste século 21. Segundo ele a educação deve se organizar em torno de quatro aprendizagens, consideradas fundamentais ao longo da vida, que para cada indivíduo serão de algum modo os pilares do conhecimento: **aprender a conhecer** é aprender a aprender, isto é adquirir os instrumentos da compreensão; **aprender a fazer**, tornar a pessoa apta para inúmeras situações, para poder agir sobre o meio que a envolve; **aprender a viver juntos**, é viver com o outro, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; e **aprender a ser**, é contribuir para o desenvolvimento total da pessoa, ver seu potencial e seus objetivos. Neste trabalho, o foco da investigação recai sobre a aprendizagem do adulto-professor, que requer dele ferramentas para a criação, desenvolvimento, compartilhamento e aplicação do conhecimento. Trata-se de um recorte de uma pesquisa, focalizando este adulto-professor que atua com outros adultos, que aqui foram categorizados como adultos maduros e idosos reunidos em um dado contexto educativo.



Ressalta-se que este contexto educativo caracteriza-se como uma prática de educação não formal, entendida como aquela voltada para o ser humano como um todo, homens e mulheres, numa perspectiva da emancipação (GOHN, 2006).

2 objetivo

Analisar como a prática de docentes com alunos adultos ocorre em um contexto socioeducativo de educação no âmbito da extensão universitária.

597

3 método

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória, do tipo estudo de caso, direcionada à investigação de significados das experiências humanas, para proporcionar maior familiaridade com o problema (LAKATOS, MARCONI, 2011). Yin (2001) afirma que o objetivo do estudo de caso é explorar, descrever ou explicar situações e relações presentes em um determinado caso, investigar o fenômeno dentro de seu real contexto.

A população total da pesquisa, à época era de 13 docentes, que atuam diretamente em um programa de extensão universitária no eixo da ¹Gerontologia Educacional, para adultos acima de 50 anos, a maioria idosos, em uma instituição de Ensino Superior do interior do Vale do Paraíba Paulista.

Os instrumentos utilizados foram um questionário para identificação de dados pessoais e a técnica do grupo focal, que Morgan (1997) define como uma técnica de pesquisa qualitativa, não-diretiva, derivada de entrevistas grupais, em que as informações são coletadas por meio das interações entre pessoas e um questionário para conhecer as características pessoais do grupo estudado.

Após a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté sob o nº 25464013.0.0000.5501 e a autorização da instituição, iniciou-se a coleta dos dados entre os meses de Dez/2013 e Mai/2014.

Os participantes da pesquisa foram contatados por email e telefone convidando-os para o grupo focal. Após serem esclarecidos sobre o objetivo do estudo, os docentes que aceitaram participar assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



(TCLE), sendo-lhes garantido o sigilo da identidade pessoal e do local onde trabalham, bem como a saída do estudo a qualquer momento, se assim desejarem. Oito docentes foram convidados para o Grupo Focal, entre os quais, seis compareceram.

A análise dos dados coletados envolveu a utilização de procedimentos para sistematizar, categorizar e tornar possível a análise por parte do pesquisador. Para isso foi utilizada a análise de conteúdo (BARDIN, 2011), elencando as temáticas que emergiram do texto, agrupando-as pelas afinidades e diferenças que apresentaram. A autora refere que a análise de conteúdo consiste em: um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos objetivos de descrição do conteúdo das mensagens (BARDIN, 2011, p. 38). Os achados foram discutidos à luz de teorias da aprendizagem de Cachioni (2003), Vital (2005), Pavarini *et al* (2005), Fazenda (1994), Papaléo Netto (2006), Debert (1999) e outros.

4 resultados e discussão

Dos treze docentes participantes, dez responderam ao questionário, cujos dados relativos à faixa etária são apresentados na tabela 1.

Tabela 1- Perfil dos docentes do programa de extensão, relacionados à idade

Características	Nº
Sexo	
Feminino	8
Masculino	2
Faixa Etária	
36-40	1
41-45	1
46-50	3
51-55	1
55-60	3
Acima de 60 anos	1
Não responderam	3
TOTAL	13

Fonte: Elaborada pela autora, 2014.



Sobre as características pessoais dos docentes, obteve-se uma amostra por idade e sexo, que responderam ao questionário, oito são mulheres e dois são homens, conforme apresentado. Este dado corrobora os achados de Cachioni (2003, p. 90) de que “[...] o magistério em todos os seus níveis é uma profissão majoritariamente feminina”.

Ao observar os dados, chama a atenção o fato de a proporção maior ser de mulheres neste grupo, sendo a faixa etária entre 36-50 anos e 51-60 anos.

Os dados relativos à formação dos docentes mostraram que quatro deles possuem formação em nível de mestrado, três doutorado, dois com especialização e apenas um com graduação. Há maior concentração de docentes na área de Ciências Humanas e Sociais, seguida das áreas de Ciências Biológicas e Exatas.

Verifica-se que os cursos de formação dos docentes, são de diferentes áreas como Enfermagem (1), Letras (2), Psicologia (3), Educação Física (1), Matemática (2) e Fisioterapia (1).

Observa-se, portanto que estes docentes embora sejam de áreas diferentes, todos oferecem contribuição à educação de idosos.

4.1 Análise do Grupo Focal

A sistematização dos dados submetidos à análise de conteúdo permitiu categorizá-los. (BARDIN, 2011), após a sua análise e interpretação. As categorias geraram subcategorias temáticas que melhor se relacionavam aos relatos dos docentes.

No sentido de garantir a confidencialidade dos participantes da pesquisa, cada um foi identificado da seguinte maneira: (D) Docentes e D1, D2, D3, D4, D5 e D6.

Tabela 2 – Análise de conteúdo do grupo focal por categorias e subcategorias.

Categorias	Subcategorias
4.1.1 Motivos para atuar neste programa	- Modelos de velhice na família - Ser um docente maduro/idoso
4.1.2 Desafios profissionais	- Perfil Atual do idoso - Falta de preparo (capacitação) na área gerontológica
4.1.3 Formação	- Características da profissão
4.1.4 Processo ensino-aprendizagem	- Avaliação do processo
4.1.5 Percepção da velhice	- Aspectos biológicos e psicossociais



4.1.6 Presença da afetividade entre docentes e discentes idosos

- Importância da Afetividade na Relação

4.1.1 Motivos para atuar neste programa

Inicialmente foi colocado aos docentes como tema do debate no grupo focal o questionamento: por que trabalhar com idosos, quais foram os motivos para atuar neste programa?

Quando se implantam programas de educação e ou extensão voltados aos idosos, as instituições de ensino superior buscam em seus quadros ou fora dele docentes interessados em trabalhar com a população de adultos maduros e idosos e neste estudo de caso não foi diferente (CACHIONI, 2003).

Na fala dos participantes do grupo focal, mostraram-se alguns fatores que trouxeram estes docentes para este programa:

“Afinação com o idoso” (D4);

“[...] estar nesse momento com essas pessoas, isso já vem desde a minha infância, porque eu tive um avô muito alegre, muito presente [...]” (D2);

“Mas o maior feedback que você tem é quando alguém fala assim: Sabia que ela trabalha para o idoso?” (D3);

“O que me trouxe pra estar nesse programa é essa oportunidade de estar sempre aprendendo, com pessoas que tem mais experiência [...]” (D5);

“[...] a convite, não tinha muita afinidade com ‘velhos’ [...]” (D1).

De acordo com Vital (2005) como a educação de idosos no Brasil é uma atividade recente, ainda não tem o perfil desejado de docentes para estes programas de educação.

Mas para alguns o motivo aconteceu dentro de seu contexto familiar, tiveram **modelos de velhice na família** que os influenciaram positivamente: *“[...] tive avós muito carinhosos, muito próximos de mim a minha infância toda” (D5).*

Outro, de forma negativa, indica que: *“Eu tinha desistido dos velhos [...] Por questão familiar, uma avó terrivelmente dura... eu tinha desistido dos velhos. Para mim não era uma necessidade o convívio, o contato [...]” (D1).*



No entanto, até mesmo na ausência destes modelos, este docente faz uma reflexão sobre esta pergunta e diz: *“Então, às vezes eu fico me perguntando também isso, porque eu fui trabalhar com idosos?”* (D3). Em seguida justifica: *“[...] fui justamente o contrário, eu sou muito carente de velhos, porque eu nasci depois de muito tempo as minhas irmãs já eram adultas, e eu não tive contato com os meus velhos da família”* (D3).

O fato de um dos docentes **ser também idoso** e ter feito parte do programa, apareceu como motivo interessante: *“E aqui eu entrei primeiro como aluna. Fiz computação, adorei o projeto, adorei os cursos!”* (D5).

Observou-se que os professores continuamente contribuem com novidades, se atualizam, não com isso desconsiderando os conhecimentos e experiências que possuem na área.

4.1.2 Desafios profissionais

Observou-se na afirmação: *“Quando um professor entra na sala de aula, ele é uma pessoa e ao sair é outra.”* que muitos são os desafios encontrados por estes docentes, para se trabalhar com adultos maduros e idosos, um deles estar dispostos a trabalhar de maneira reflexiva, aberta às exigências educacionais do público. A educação para adultos maduros e idosos passa a ser vista como oportunidade. *“[...] que a gente tem que buscar se aprimorar, conhecer o que é o processo de envelhecimento”* (D4). Quando me perguntaram: *“Você sabe trabalhar com velho?”* Eu falei: *“Eu não.”* *“Então você vai trabalhar.”* (D3)

Desafios estes que podem proporcionar uma revisão da percepção que se tem sobre esta população de hoje, o **perfil atual do idoso**, que já não é mais o mesmo *“[...] vendo aqueles idosos de 1991 e vendo hoje, houve uma mudança grande, muito diferente [...] quando o professor é muito jovem às vezes eles não querem respeitar”* (D3).

“O perfil também do idoso era um, mas o perfil mudou. Eles também eram de outro tempo. De forma que exige que a gente também mude o nosso perfil, pessoalmente compreendendo essas questões pra poder dar conta.”



Mas o que tem pra velhice de tão assim, diferente que você precisa até estudar?”(D3).

A preparação e/ou capacitação dos docentes para trabalhar com este segmento da população, é imprescindível, pois se necessita de profissionais que conheçam a realidade do idoso, a inexistência de uma metodologia exclusiva voltada para o trabalho com adultos maduros e idosos é evidente (DA SILVA OLIVEIRA, 2004).

4.1.3 Formação

Esta categoria evidencia o que foi levantado no grupo focal quanto à formação do docente para o seu trabalho com os idosos no qual um deles lembra ter se autoquestionado: *“Você trabalha mesmo com idoso? O que faz o idoso?”*, *“Mas precisa estudar para trabalhar com velho?” (D3).*

Lembra-se que as Instituições de Ensino Superior (IES) tem como objetivo formar e desenvolver pessoas para atender às questões da sociedade. No contexto de educação de adultos maduros e idosos a formação consiste em profissionais para serviços destinados a esta população (VITAL, 2005), ou seja, com uma formação gerontológica adequada para suprir as novas necessidades dos idosos e aos fatores relacionados ao envelhecimento.

Segundo Cachioni (2003, p. 26) a “[...] formação de recursos humanos para o trabalho com idosos ocorre através da capacitação técnica de profissionais e da formação de pesquisadores”, o que é corroborado por um dos participantes: *“A formação é importante em gerontologia, no trabalho, eu acho que ela faz toda a diferença, quando a gente tem uma formação para que a gente possa trabalhar com essa população” (D3).*

Como o número de idosos no Brasil e no mundo cresce a cada dia, com isso cresce também novas demandas de educação e cuidados para esta população, que de acordo com o IBGE (2011) dobrou nos últimos 20 anos no Brasil. As pessoas com mais de 60 anos (idosos), somam 23,5 milhões dos brasileiros, mais que o dobro apontado no ano de 1991.

Isso significa que num futuro próximo suas necessidades poderão não ser supridas pela formação dos profissionais disponíveis no mercado hoje, que geralmente



não visam, na prática, à interdisciplinaridade entre os campos disciplinares; fato imprescindível à Gerontologia.

Um curso em gerontologia não deve limitar-se a “juntar” um pouco de cada profissão, mas formar um novo profissional capaz de compreender o processo de envelhecimento e atender esta população pautado nos conhecimentos das ciências biológicas, humanas e exatas (PAVARINI; MENDIONDO; BARHAM; VAROTO; FILIZOLA, 2005, p. 401).

Os docentes participantes desta pesquisa são oriundos de diferentes áreas do conhecimento, que apresentam potencial de contribuição para atualização e conhecimentos dos idosos, pois, como indica Cachioni (2003) a formação de recursos humanos neste campo, deve ter a interdisciplinaridade como fio condutor.

A interdisciplinaridade é aquilo que se realiza com a cooperação de várias disciplinas, termo assim denominado pelo sociólogo Louis Wirtz em 1937. A interdisciplinaridade sugere a existência de um conjunto de disciplinas que são interligadas e com relações definidas (FAZENDA, 1994).

No caso da gerontologia educacional, trata-se de

[...] um campo interdisciplinar que se desenvolve no âmbito da evolução da educação de idosos, da formação de recursos humanos para lidar com a velhice, e na mudança das perspectivas das sociedades em relação aos idosos e ao envelhecimento (CACHIONI, 2008, p. 92).

Neste sentido, Cachioni e Neri (2004, p.104) afirmam que

[...] a formação de recursos humanos em gerontologia, incluindo a formação de professores de idosos, é de fundamental importância social, não só pelos benefícios que podem advir para os idosos, mas também para promover mudanças culturais nas concepções sociais sobre velhice.

De acordo com Bissoli e Cachioni (2011) formar recursos humanos em gerontologia está diretamente ligado à qualidade de vida na velhice, uma vez que essa é decorrente da relação entre as condições físicas, competências comportamentais do idoso e as condições ambientais.

Em relação às **características da profissão** a formação técnica faz parte da capacidade que o docente deve trazer da sua formação acadêmica, por isso o professor



deve buscar formação contínua, a aprendizagem é um processo envolvente por natureza. Mesmo que aqui se refira à uma prática da educação não-formal, porque a aprendizagem deles enquanto docentes, então, parte do princípio de que ao ensinar, também se aprende.

4.1.4 Processo ensino-aprendizagem

Quando questionados sobre como ocorre a prática docente, especialmente sobre a metodologia que utilizam em suas aulas para os idosos, de uma maneira geral, os professores não registraram dificuldades para com esse trabalho, apenas apontam algumas particularidades relacionadas à docência para esta chamada “terceira idade”, entre elas, o respeito pelos alunos.

Tal questão, embora deva estar presente em qualquer contexto e com qualquer público, especialmente na educação, o fato é que sempre é possível aprender com os alunos, pois, esse processo transforma as pessoas, reciprocamente, a cada dia, quando se está aberto a ele. A educação é a mola propulsora do comportamento, da forma de pensar em valores, crenças e expectativas sociais e individuais a respeito da velhice (BISSOLI; CACHIONI, 2011).

4.1.5 Percepção da velhice

Constata-se que nem sempre as pessoas são familiarizada com a questão de olhar para si próprios, para os pais, avós, filhos, sobrinhos, amigos, do ponto de vista de observar o que é envelhecer, permitindo questionar, afinal o que é ser velho.

O envelhecimento é um processo, a velhice um período da vida, uma consequência natural deste processo é o ser velho ou idoso, assim chamados os que tem acima de 60 anos, é o resultado (PAPALÉO NETTO, 2006).

Na visão de Sara Goldman (2003, p.71)

[...] o envelhecimento é um processo complexo que ocorre em cada pessoa, individualmente, mas condicionado a fatores sociais, culturais e históricos, que vão rebater na sociedade como um todo, envolvendo os idosos e as várias gerações.



Na compreensão de Beauvoir (1990) velhice é o que acontece aos seres humanos que ficam velhos, que em seu livro ‘A Velhice’ (1990, p.8) refere que o conceito de velhice para a sociedade

[...] aparece como uma espécie de segredo vergonhoso, do qual é indecente falar [...]. com relação às pessoas idosas, essa sociedade não é apenas culpada, mas criminosa. abrigada por trás dos mitos da expansão e da abundância, trata os velhos como párias.

Em seus relatos, estes docentes se perguntam o “[...] *que acontece com uma pessoa quando ela envelhece, quais são as limitações que ela tem, quais são as alterações que acontecem, como é o dia a dia da vida do idoso*”. (D4)

Na concepção de Mascaro (1997, p.09) “[...] a velhice é uma fase natural da vida e não há como fugir deste ciclo: nascimento, crescimento, amadurecimento, envelhecimento e morte”. Apesar de ser um fenômeno comum a todas as espécies, faz-se necessário refletir acerca do processo de envelhecimento.

Trabalhar com esta população fez com que os docentes pensassem mais em si mesmos, no sentido de “[...] *buscar se aprimorar, conhecer o que é o processo de envelhecimento*” (D6),

De acordo com Py (2006, p.113-114):

As questões do envelhecimento suscitam grandes dúvidas, perplexidades, discussões. Interessam a todos nós, seres humanos envelhecendo. Interessam aos que já estão velhos e, também, aos adultos, aos jovens, às crianças que estão cursando esse processo. Nesse percurso, seguimos todos envelhecendo, com a tarefa humana de criar significações para os fatos que marcam a nossa existência.

Entretanto, até que ponto precisa-se conviver com os mais velhos para se tomar consciência do próprio processo de envelhecimento, embora, sejam evidentes as manifestações da velhice, caracterizadas pela redução da capacidade funcional, perda do papel perante a sociedade, eventuais perdas psicológicas, motoras e afetivas.

Tais manifestações podem ser observáveis, nas pessoas mais-velhas,-quanto aos **aspectos biológicos e psicossociais**. Neste sentido é que foi criado o campo da Gerontologia, como um ramo da ciência que se propõe a estudar o processo de



envelhecimento em seus aspectos bio-psico-sociais e os múltiplos problemas que possam envolver o ser humano (BEAUVOIR, 1990). A autora lembra ainda que, uma vez que para as pessoas é o outro que é velho, a revelação da própria idade vem através dos outros, alguns se parecessem velhos aos 45 anos e outros se consideram jovens aos 70.

A busca da longevidade sempre foi motivo de preocupação para todos, envelhecer é um processo natural, que está ligado à capacidade física, à condição de produtividade social. O envelhecimento é percebido de modo diferente de uma pessoa para outra: “[...] eu acho que eles têm uma coragem muito grande, de fazer recusas do que eles não querem, acho isso muito legal, muito bonito, isso também é um aprendizado, eu estou esperando uma hora pra eu poder tudo que eu quero dizer!” (D1). Assim, ser idoso na visão destes docentes, também significa período de conquista.

4.1.6 Presença da afetividade entre docentes e discentes idosos

Sobre a **importância de uma relação afetiva** entre professor-aluno, acredita-se que o docente não transmite apenas conhecimentos, mas pode também estabelecer uma relação afetiva com os seus alunos, o que facilita seu processo de ensino-aprendizagem. Piaget (1896-1980) foi o primeiro autor a questionar as teorias que tratavam a afetividade e a cognição como aspectos funcionais. Para ele não existe cognição sem afetividade. A afetividade também é concebida como o conhecimento construído através da vivência, não se restringindo ao contato físico, mas à interação que se estabelece entre as partes envolvidas, na qual todos os atos comunicativos, por demonstrarem comportamentos, intenções, crenças, valores, sentimentos e desejos, afetam as relações e, conseqüentemente, o processo de aprendizagem.

Os relatos que seguem ilustram esta questão.

“Eles vieram buscar companheirismo, amizade” (D1).

“É um carinho muito grande, é uma troca muito grande”. (D4).

A afetividade funciona como chave potencializadora do processo ensino-aprendizagem, tudo indica que, do ponto de vista dos alunos, a maior qualidade do professor está em seu domínio afetivo. O aluno estabelece uma relação de troca, de



acordo com Vital (2005, p. 15) “[...] o processo educativo na dimensão gerontológica trabalha com a totalidade do ser, ou seja, de maneira multidimensional, o afeto é tão importante quanto à razão, o espírito, o corpo, a arte, a alegria de viver”.

Todavia, esta é uma relação que não se atribuí apenas à transmissão de conteúdo, pois, como Arantes (2000) afirma, na perspectiva genética de Wallon, a inteligência e afetividade estão unificadas: para que a afetividade evolua, ela depende das construções realizadas no plano da inteligência, ao mesmo tempo em que a evolução da inteligência depende das construções afetivas. No entanto, Wallon reconhece que, ao longo do desenvolvimento humano, existem fases em que predominam o afetivo e fases em que predominam a inteligência. Defendia que o processo de evolução do ser humano, dependia tanto da capacidade biológica quanto do ambiente, que o afeta de alguma forma. Um dos participantes docentes entrevistados afirmou isto.

O que eu tenho observado no núcleo que eu trabalho aqui, é que as pessoas vêm, no intuito de dançar, de cantar [...] estão pedindo socorro, em suas palavras às vezes no diálogo, então você tem que estar atento a isso (D5).

Supõe-se que a **importância da afetividade na relação professor aluno** e seu grau é identificado também por conta do volume de mulheres que frequentam o programa, que naturalmente estabelecem relações afetivas com mais facilidade que os homens. Segundo Freitas (2006), no Brasil, a maioria das pessoas idosas é do sexo feminino, uma vez que os homens têm uma participação menor em programas de educação permanente “*É um carinho muito grande, é uma troca muito grande. Eles já não tratam você como professora. É a amiga, é a netinha, é a sobrinha, é sempre assim [...]*” (D2).

De acordo com Debert (1999) a maioria das ações destinadas à população idosa é frequentada pelo universo feminino, as mulheres mais do que os homens, participam de atividades, cursos, viagens e se adaptam melhor quando saem do mercado de trabalho, tendem a permanecer mais tempo nestes espaços, o que estes docentes também constatam no programa estudado:

“Elas como pessoas extremamente curiosas, muito inteligentes, extremamente interessadas e abertas para as novas informações” (D1).



“E elas têm uma carência muito grande de atenção também, isso é bem visível, a carência de atenção delas, isso às vezes até chega atrapalhar, porque você tem que saber se distribuir na hora [...]”(D1).

Observa-se na literatura que pouco se fala em educação de adultos, além da relacionada à Educação de Jovens e Adultos (EJA) de letramento. No entanto, é uma prática muito antiga e objeto de estudos científicos já há algum tempo. A andragogia, termo criado por Alexander Kapp em 1833, é o nome dado à ciência que trata da aprendizagem de adultos, que vem do grego *andros* – adulto e *gogos* – educar. Segundo Bellan (2005) esta ciência ao estudar como os adultos aprendem, busca compreendê-lo a partir da sua perspectiva biológica e da sua relação social.

Knowles (1988) acreditava que as pessoas quando se tornam adultas e maduras, sofrem algumas transformações, passam a ser indivíduos independentes auto-direcionados; acumulam experiências de vida que vão ser fundamento e substrato de seu aprendizado futuro; seus interesses pelo aprendizado se direcionam para o desenvolvimento de habilidades, que utilizam no seu papel social e na sua profissão; passam a esperar uma imediata aplicação prática do que aprendeu, reduzindo seu interesse a conhecimentos que serão úteis no futuro.

Nesse sentido, as características da aprendizagem na Pedagogia e na Andragogia são diferentes. Na pedagogia o professor é o centro das ações, ele decide o que ensinar como ensinar e avalia a aprendizagem dos alunos; na andragogia a aprendizagem é centrada no aluno, na independência e na auto-gestão da aprendizagem, na disposição do adulto em iniciar o processo de aprendizagem, à medida que ele compreende sua utilidade seja no âmbito pessoal ou profissional. Portanto, a formação do docente que com ela se ocupa é tão importante.

À guisa de conclusão, Cachioni (2003, p. 46) destaca que

[...] a educação para adultos maduros e idosos deve pretender no mínimo incrementar os saberes e os conhecimentos práticos, o saber fazer, o aprender e seguir aprendendo, e possibilitar o crescimento contínuo, as relações sociais e a participação social.

A sociedade tem se mostrado receptiva ao assumir a educação e formação de crianças e jovens, mas geralmente isso não acontece quando se é mais velho. Apesar de



todos os esforços, continua a prevalência social dos estereótipos negativos e preconceitos em relação à velhice.

A importância de proporcionar a educação continuada é assinalada para Cortelletti (2006, p. 25):

[...] ao longo da vida, garantir o bem-estar do idoso, sua inserção no meio em que vive e a reconstrução de sua identidade social, encontrando assim um novo significado para essa etapa da vida.

Por razões como essas, a Gerontologia educacional, que cuida da educação de idosos, tem como um de seus propósitos, serviços educativos, a fim de facilitar os processos de ensino-aprendizagem em adultos maduros e idosos como seres ativos em seu desenvolvimento intelectual constante. Em tal modelo, são beneficiados tanto aqueles que participam das atividades direcionados a este público, quanto os que dela se ocupam, neste caso, os docentes.

5 conclusões

Os resultados deste estudo podem ampliar os horizontes e instigar a elaboração de novos problemas. Sobre as reflexões dos docentes participantes deste estudo, constatou-se ser a maioria mulheres, na faixa etária entre 36-50 anos e 51-60 anos e com formação na área de Ciências Humanas e Sociais. Suas reflexões sobre a atuação junto aos idosos mostram como temáticas importantes: 1- **Motivos para atuar neste programa** (Modelos de velhice na família, Ser um docente maduro/idoso), 2 - **Desafios profissionais** (Perfil Atual do idoso, Falta de preparo (capacitação) na área gerontológica), 3 – **Formação** (Características da profissão), 4 - **Processo ensino-aprendizagem** (Avaliação do processo), 5 - **Percepção da velhice** (Aspectos biológicos e psicossociais) e 6 - **Presença da afetividade entre docentes e discentes idosos** (Importância da Afetividade na Relação).

A autora acredita que os resultados possam contribuir para que a temática torne-se foco de futuros estudos e para a reflexão de pesquisadores na área, com o objetivo de preencher espaços ainda existentes sobre a formação docente junto à população idosa.

O trabalho destes docentes com os adultos maduros e os idosos estimula cada um a ser responsável por sua aprendizagem; fazendo e criando seu próprio processo de



aprender e ficando aberto à suas experiências e agregando para si um processo de mudança à medida que envelhecemos.

No Brasil há escassez de recursos humanos com formação em Gerontologia para atuar na educação e no atendimento em geral aos idosos, cabendo às universidades e aos cursos de formação de professores, formar profissionais capazes de desenvolver conhecimentos para atuação junto à população que envelhece.

Nota

¹“A Gerontologia Educacional é um campo interdisciplinar que se desenvolve no âmbito da evolução da educação de idosos, da formação de recursos humanos para lidar com a velhice, e na mudança das perspectivas das sociedades em relação aos idosos e ao envelhecimento” Ver CACHIONI, M. Gerontologia educacional/ educação gerontológica. In: NERI, A.L. (Org.). **Palavras-chave em gerontologia**. 3a ed. Campinas (SP): Alínea, 2008, p. 92-94.

Referências

ARANTES, V. Cognição, Afetividade e Moralidade. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.26, n.2, p.137-153, jul./dez.2000.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo; Edições 70, 2011.

BELLAN, Z. **Andragogia em Ação: como ensinar sem se tornar maçante**. Editora Z3, 2005, 156 pág.

BEAUVOIR, S. **A velhice**. Rio de Janeiro: nova Fronteira, 1990.

BISSOLI, P. G. M; CACHIONI, M. Educação Gerontológica: breve intervenção em Centro de Convivência dia e seus impactos nos profissionais. **Revista Kairós Gerontologia**, 14(4). ISSN 2176-901X. São Paulo (SP), Brasil, Setembro, 2011: 143-164.

CACHIONI, M. **Quem educa os idosos?** Um estudo sobre professores de Universidades da Terceira Idade. Campinas, SP: Alínea, 2003.

CACHIONI, M.; NERI, A. L. Educação e Gerontologia: desafios e oportunidades. RBCEH - **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, Passo Fundo, 99-115 - jan./jun. 2004.



CACHIONI, M. Gerontologia educacional/ educação gerontológica. In: Neri, A.L. (Org.). **Palavras-chave em gerontologia**. 3a ed. Campinas (SP): Alínea, 2008, p. 92-94.

COPETTI, F. **Estudo exploratório dos atributos pessoais de tenistas**. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil, 2001.

CORTELLETTI, I, A. Universidade: sua função social na promoção da velhice. CASARA, M, B.; CORTELLETTI, I, A.; BOTH, A. (Orgs.) **Educação e envelhecimento humano**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2006.

DA SILVA OLIVEIRA, F; DA SILVA OLIVEIRA, R. de C. O Ensinar e o Aprender com a Terceira Idade. **Revista Eletrônica de Ciências da Educação**, v. 3, n. 1, 2004.

DEBERT, G. D. **A reinvenção da velhice**. São Paulo: Edusp/Fapesp; 1999.

FAZENDA, I. C. A. **Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa**. Campinas, SP: Papirus, 1994. 143 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, E. V. Demografia e epidemia do envelhecimento. In: PY, L. et al. **Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais**. 2º ed. Holambra: Setembro, 2006. p. 15-38.

GOHN, M. da G. **Educação Não-formal, na pedagogia social**. Em Anais do 1. I Congresso Internacional de Pedagogia Social 2006, São Paulo (SP) [online]. 2006. Disponível

em:<http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000092006000100034&script=sci_arttext&tlng=pt> Acesso em 22 de maio 2014.

GOLDMAN, S. **Universidade para terceira idade: uma lição de cidadania**. Editora Elógica, 2003.

KNOWLES, M.S. **The modern Practice of Adult Education: From Pedagogy to Andragogy**. Cambridge Book Co, 1988.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia Científica**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MASCARO. S. **O que é a velhice**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

MORGAN, D. **Focus group as qualitative research**. Qualitative Research Methods Series. 16. London: Sage Publications, 1997.



PAPALÉO NETTO, M. **Gerontologia** - A velhice e o envelhecimento em visão globalizada. São Paulo: Ed. Atheneu, 1996.

PAVARIN, S.C.I.; MENDIONDO, M.S.Z.; BARHAM, E. J.; VAROTO, V. A. G.; FILIZOLA, C.L.A. A arte de cuidar do idoso: gerontologia como profissão? **Texto Contexto Enfermagem**. 2005 Jul-Set; 14(3):398-402.

PY, L. Envelhecendo e subjetividade. In: PY, Ligia et al. **Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais**. 2. ed. Holambra: Setembro, 2006. p. 97-120.

SCHNEIDER, R. H.; IRIGARAY, T. Q. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. **Estudos de Psicologia** I Campinas I 25(4) I 585-593 I outubro - dezembro 2008.

VITAL, S. S. **Afetividade e prática docente idosos**. Holambra: Segmento, 2005.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2 ed. Porto Alegre: Bookmam. 2001.